

No igarapé da Pancada
não passa boi nem boiada
passa batelão na cheia
carregadinho de castanha
trazida dos castanhaias.
Na seca passam crianças
os filhos das lavadeiras
que brincam embaixo da ponte
a velha ponte de ferro
que liga o Centro ao Educandos.
– Menino sai daí que pegas doença!
– Pego não doença só pega
quem não anda no fundo do rio.

Edilza de Souza Fernandes, Passa Água:
de Coração nas Mãos, 1997

Em que pensa
sozinho
pezinhos nus tateando o ar
no carrinho branco
igual a todos os outros?
Pobre bebê triste...
Mãozinhas buscando
o inatingível,
olhinhos que vêem o mundo
e os carros que passam
em nuvens de fumaça...
Pobre bebê triste!
A babá empurra o carro-berço branco,
isento de amor
que se perde
no turbilhão das buzinas frenéticas.

Heloisa Helena Troncarelli, Pobre Bebê Triste:
de Sol-Solaris, 1985

De tantas verdades
restaram-me dúvidas.

Humberto Del Maestro,
de Breves, 1996

Porque esta imperfeição de que sou feita
coroa o meu destino de fracasso,
estreito contra o peito, num abraço,
uma alma revoltada, insatisfeita!

Tenho sempre por meta a obra eleita;
mas, para lá chegar, é curto o passo.
Trago comigo a angústia do cansaço,
na senda duma vida mais perfeita...

Porquê me dás, Senhor, o entendimento
de pretender o espaço, o firmamento,
de asas caídas, sem poder voar?...

Sonhar estrelas dentro de uma mão,
com os pés firmes, bem presos ao chão,
e braços curtos para as alcançar...

Emília Peñalba Esteves, Imperfeição:
de Palavras de Amor, 1995

No bosque em desvio
perdeu a hora
a cesta
o conselho.

Diante do estranho
tirou a capa
tão ruiva
a cabeça

e beijo bebeu em longos goles
na tarde a galope.

Fábio Weintraub, Chapeuzinho Vermelho:
de Sistema de Erros, 1994

Ó senhor ladrão
grato por me ensinar
nada é nosso.

Gustavo Alberto C. Pinto,
de Relâmpagos, 1990

À noite, no porto,
os barcos têm perfis parcos
de arvoredo morto.

Abel Pereira †, Ancoradouro:
de Poesia Até Ontem, 1990

Jesus, piedoso,
abre os braços, acolhendo,
até, os cristãos...

Lyad de Almeida,
de Novos Haikais, 1994

Beijam-se ondas
onde a noite fria vem
banhar o silêncio.

Magda Lugon,
de Os Limites do Reino, 1993

O céu perdeu o azul...
parecia chegar a noite,
vento forte açoite
soprava lá do sul
levantando areia
na tarde escura, feia.

O mar revoltado
bramia agitado
com ondas gigantesacas
afastando banhistas.

De favela vindo
indiferente
alheia,
pisoteando areia
sorria
a loura criança!

Jacy Gomes Romeiro, Inocência:
de Sinfonia do Lago, 1987

No enterro lembro-me,
aquele que ali jaz,
quantos funerais acompanhou?
A nossa vez chega.

Do outro lado,
pelos meus humildes cálculos,
existem mais mortos que vivos.

Do corpo:
Devolva-o à terra
a quem tanto tirou
e pouco depositou.

Jorge Antônio da Fonseca,
Passamento: de Folhas Soltas, 1981

Estrelas cintilantes
eu as vejo tantas –
será que elas me vêem
e, o meu coração escutam?

José Jorge de Farias, Estrelas:
de Alma, Amor e Saudade, 1969

Em teu solo fui plantada,
Ponta Grossa, chão bendito!
E a cada nova alvorada,
dou-te uma flor, por escrito!

Leonilda Hilgenberg Justus,
de Abstratos e Concretos, 1994

Pontinhos dourados
vejo com olhos fechados:
confetes celestes?...

Leonilda Hilgenberg Justus,
de Lampejos, 1995

Quando voltei ao que supunha um lar,
encontrei a um canto amarrados
os últimos farrapos dos meus sonhos de felicidade.
Ainda bem que a trouxe era diminuta, pequena mesmo,
do contrário não saberia como transportar
ou o que fazer com aquelas sobras inúteis.

Humberto Del Maestro,
de Algumas Canções Líricas, 1997

– Cri... cri... cri... cri... – um grilo no salão?
Quem poderá dormir com essa zoeira
a noite inteira, qual uma cachoeira
escachando na mente e coração?

– Cri... cri... cri... – É demais! A irritação
pode levar a enfarte, ou quase à beira,
causando tanta, tanta choradeira,
que bem provável, grande inundação.

– Cri... cri... cri... – O melhor é levantar
para enfrentar o monstro diminuto
com força tal, capaz de até matar!

Matar?!... Palavra negra... dá arrepio...
Não matarei! Porém, num só minuto,
achá-lo-ei, para levá-lo ao frio...

Pobrezinho... que fique aqui no quente...
Se eu não dormir... quem sabe, criarei
versos para um soneto diferente!...

Leonilda Higemberg Justus,
...Com Estrabote Grilal: de Castália, 1997

A serra em chuva
sob o sol poente –
Como não agradecer?

Paulo Franchetti, de Haicais, 1994

UM HOMEM HONESTO

José Bento de Monteiro Lobato (1882/1948)
(conclusão do número anterior)

– Não se abespinhe, amigo. Estamos dando nossa opinião sobre um fato público que os jornais noticiaram. Você hoje é um caso – e os casos debatem-se.

O chefe de seção entrou nesse momento. A palestra cessou. Cada qual foi para sua mesa e João absorveu-se no trabalho, de cara amarrada e coração pungido.

À noite, na cama, já mais conformada, dona Maricota voltou ao assunto.

– Você foi precipitado, João. Não devia ter tanta pressa em entregar o pacote. Por que não o trouxe primeiro aqui? Eu queria ao menos ver, pegar...

– Que idéia! “Ver, pegar”...

– Já contenta uma pé-rapada como eu, que nunca enxergou pelega de quinhentos. Trezentos e sessenta contos!...

– Não suspire assim, Maricota! Basta a cena de ontem...

– Impossível. É mais forte do que eu...

– Mas, venha cá, Maricota, fale sinceramente, fale de coração: acha mesmo que fiz mal procedendo honestamente?

– Acho que você devia ter trazido o dinheiro e devia consultar-me. Guardávamos o pacote e esperávamos que o dono o reclamasse – e provasse – pro-vas-se que era dele...

– Dava na mesma. Esse dinheiro nunca seria meu.

– Ficava sendo, é boa! Mas, olhe João, você nunca pensou bem. Você não tem boa cabeça. É por isso que vivemos toda vida esta vidinha miserável, comendo o pão que o diabo amassou...

– “Vidinha miserável!”... Sempre fomos felizes, nunca percebemos que éramos pobres...

– Sim, mas percebo-o agora, porque só agora nos surgiu a ocasião de enriquecer. Foi uma sorte grande que Deus nos mandou.

– “Deus”...

– Deus, sim, e você o ofendeu afastando-a com o pé. Poderíamos estar ricos, fazendo caridade, beneficiando os doentes... Quanta coisa! Mas a tal honestidade...

– “A tal honestidade!...”

Sim, sim! Tudo tem conta na vida, homem! Ladrão é quem furta um; quem pega mil é barão, você bem sabe. Veja os seus companheiros. O Nunes, que começou com você no cartório, já ronca automóvel e tem casa.

– Mas é um gatuno!

– Gatuno, nada! O Clarabóia, esse já tem fábrica de chapéus. O sêo Miguel – até quem, meu Deus! – comprou outro dia um terreno em Vila Mariana.

– Mas é um passador de nota falsa, mulher!

– Passador de nota falsa, nada! Tem boa cabeça, é o que é. Não vai na onda. Não é um trouxa como você...

E não teve mais arranjo a vida do homem honrado. Adeus, paz! Adeus, concórdia! Adeus, humildade! A casa tornou-se-lhe um perfeito inferno. Só se ouviam suspiros, palavras duras. João perdeu a esposa. Impossível reconhecer na meiga companheira de outrora a criatura amarga, irredutível de idéias, que a visão dos trezentos sessenta contos produzira.

E aquele coro que com ela faziam as meninas, sempre irônicas, sarcásticas...

– O vestido da Climene custou quinhentos mil réis. Quando teremos um assim!

– Pois, olhe, às vezes a gente *acha* na rua vestidos assim, não um, mas centenas...

– Que adianta? *acha* mas *desacha*...

E suspirou.

Também na repartição foi-se-lhe o sossego. Todos os dias torturavam-no com alusões e indiretas irônicas.

Certa vez um dos colegas disse logo ao entrar:

– Sabem? Encontrei na rua um lindo broche de brilhantes.

– E levaste-o logo ao *chefe*, digo, ao Gabinete dos Objetos Achados...

– Não sou nenhum trouxa! Levei-o, sim, ao prego. Deu-me trezentos e sessenta mil réis – e desde já vos convido a todos para uma vasta farra no domingo próximo.

– Vai também, Seu Pereira?

O martir não responde, fingindo-se absorto no trabalho.

– Não dá a honra... É um homem honécécésto... Raça privilegiada, superior, que não se mistura, que não liga. Pois vamos nós, beber à bessa, beber o broche inteirinho! Nem todos nascem com vocação para santo do calendário.

E o pior foi que desde o malfadado encontro do dinheiro, João Pereira entrou a decair socialmente. Parentes e conhecidos deram de fazer pouco caso do “trouxa”. Se alguém lhe lembrava o nome para algum negócio, era fatal o sorriso de piedade.

– Não serve, o João não serve. É um coitado...

– Convenceram-se todos de que João Pereira não era “um homem do seu tempo”. O segredo de todas as vitórias está em ser um homem do seu tempo...

Seis meses depois o descalabro da casa era completo. Perdida a alegria de outrora, dona Maricota azedara de gênio. Vivia num desânimo, lambona, descuidada dos afazeres domésticos, sempre aos suspiros.

– Para que lutar? Nunca sairemos disto... As ocasiões não aparecem duas vezes e quem deixa de agarrá-las pelos cabelos está perdido.

Aquele desleixo agravou a situação financeira da casa. Todos os encargos recaiam agora sobre os ombros do chefe, cujo ordenado não aumentava.

João enojou-se da vida e perdeu o ânimo de vivê-la até o fim. Desejou a morte e acabou pensando no suicídio. Só a morte poria termo àquele martírio de todos os momentos, forte demais para uma alma formada como a sua.

Um dia o proprietário do prédio suspendeu o aluguel. Dona Maricota deu a notícia ao marido, cheia de indiferença.

– Esteve cá o homem da casa e disse que do próximo mês em diante são mais cinquenta...

– ?!...

– Mais cinquenta mil réis, sim, ali na ficha! Ou, então, olho da rua!

– Mas é uma exploração miserável! exclamou Pereira. A casa é um pardieiro e nós não podemos, positivamente não podemos...

– Pois é. E quando uns diabos destes perdem pacotes – porque você bem sabe que só eles possuem pacotes para perder – inda aparece quem lhos restituia... Você está vendo agora como eles formam os tais pacotes. Arrancando o pão da boca duns miseráveis como nós – *dos honestos*...

– Pelo amor de Deus, Maricota, não me fale mais assim que sou capaz duma loucura!...

– Está arrependido? Está convencido de que foi tolo? Pois quando encontrar outro pacote faça o que todos fariam: meta-o no bolso. Quem rouba a ladrão tem cem anos de perdão.

Estavam à mesa, sozinhos, tomando o magro café da noite.

– E você ainda não sabe de uma coisa, continuou ela depois duma pausa, como indecisa se contaria ou não.

– Que é?

– Disse-me hoje a Ligiazinha que você anda por aí de apelido às costas...

– Que?

– *João Trouxa!* Ninguém diz mais Pereira...

O martir ergueu-se, lançado por violento impulso interno.

– Basta! exclamou num tom de desvario que assustou a mulher – e largando de chofre a xícara retirou-se para o quarto precipitadamente.

Dona Maricota, ressabiada, susteve a sua caneca a meio caminho da boca. E assim ficou, suspensa, até que tombou para trás, estarrecida.

Reboara no quarto um tiro – o tiro que matou o último homem honesto... ①

① João Pereira não era na realidade o último homem honesto, e sim o penúltimo.
O último e o engenheiro Prestes Maia, prefeito de São Paulo.